De como uma tribo cativou seu antropólogo

ROQUE DE BARROS LARAIA

O tempo dispendido entre o início do trabalho de campo e a publicação de uma monografia antropológica costuma ser, na Antropologia, bastante longo. Mas não resta dúvida de que os autores que estudaram os Tapirapé exageraram. Com efeito, Herbert Baldus esteve com esses índios do nordeste do Estado de Mato Grosso em 1955 e só publicou o seu livro em 1970. Charles Wagley conseguiu superar este recorde por uma margem de 3 anos, pois tendo iniciado o seu trabalho com os Tapirapé em 1959 somente publicou a sua monografia em 1977. Welcome of Tears* constitui, entretanto, mais do que uma nova obra antropológica, um testemunho de quem acompanhou por cerca de 40 anos a epopéia de um grupo tribal. Este acompanhamento foi possível porque Wagley retornou à aldeia Tapirapé em 1953, 1957 e 1965 e não deixou de manter contato com pessoas que podiam mantê-lo bem informado sobre a sociedade que estudou. Por outro lado, embora a sua monografia tenha sido o resultado do trabalho de quatro décadas, desde 1940 ele tem publicado artigos que apresentaram os resultados de seu trabalho, dentre os quais destacamos "Xamanismo Tapirapé" (in *Boletim do Museu Nacional, Antropologia,* n.º 3) e, juntamente com Eduardo Galvão, "The Tapirapé" (in: *Handbook of South American Indians.* Washington, D.C.: Smithsonian Institution).

Mas o próprio Wagley afirma, na página 23, não ser este o livro que pretendia escrever quando viajou, pela primeira vez, para a aldeia dos Tapirapé. De fato, o tempo transcorrido impediu o Autor

---

* *Welcome of Tears: The Tapirapé Indians of Central Brazil.* New York, Oxford University Press, 1977. 328 p.

de continuar fiel aos seus objetivos iniciais. E o livro que finalmente escreveu teve que levar em conta os trabalhos publicados por Baldus e Judith Shapiro. O primeiro no prefácio de seu livro (*Tapirapé, Tribo Tupi no Brasil Central.* Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1970) afirmou: "Escrevi este livro para Charles Wagley, a mim ligado pelo amor aos Tapirapé. Escrevi-o para incentivar o colega a publicar tudo o que sabe sobre esses índios e o que pensa sobre eles".

Por isto tudo, Wagley afirmou na introdução de *Welcome of Tears:* "Assim, o meu livro é também um trabalho de amor, escrito para preencher a minha obrigação para com o meu pranteado colega e amigo e, tentar organizar a minha própria compreensão da cultura Tapirapé". Além disto, ele sabia da necessidade de escrever um livro diferente, para não correr o risco de apenas confirmar ou repetir o que já fora feito por Baldus e, em menor escala, por Shapiro. Acreditamos que Wagley conseguiu o seu intento.

Realmente, existem diferenças importantes entre os dois trabalhos. Baldus teve o preocupação de colocar à disposição do leitor todas as informações de que dispunha, não importando que isto ultrapasse os limites de uma monografia específica sobre uma determinada tribo. "Decidi-me, agora, tão somente, para não deixar de oferecer à Etnologia Brasileira a matéria prima que por pouco não seria divulgada" (1970, p. 11). Este cuidado de aumentar o seu legado para a Antropologia, modificou realmente a feição de seu livro, transformando-o num estudo comparativo a respeito dos índios do Brasil Central: "Para caracterizar melhor a cultura Tapirapé, comparo-a com as culturas das tribos vizinhas e de diversas outras tribos Tupi". Com esta afirmação, Baldus adota a utilização do método comparativo, o que realmente aumenta a dimensão de sua obra, mas na proporção em que é feita (e cujos motivos entendemos e admiramos) reduziu a profundidade de sua análise. Wagley optou pelo oposto. O seu livro caracteriza-se por uma maior preocupação analítica aplicada a um menor universo de dados. Além disto, os seus comentários e informações sobre as dificuldades e peripécias do antropólogo no desempenho de seu ofício proporcionam ao leitor uma rica experiência de campo.

Como em Baldus, o seu trabalho exprime o calor humano que costuma estar ausente dos empreendimentos científicos. Faz confissões como:

> Eu achei alguns indivíduos mais interessantes do que outros. Achei alguns aspectos de seu modo de vida esteticamente agradáveis e confortáveis e outros detestáveis e mesmo cruéis... Durante estes anos, entretanto, os Tapirapé não têm sido para mim somente objeto de pesquisa, ou abstração; ao invés disto, eles tem sido meus amigos.

Esta perspectiva humanística, aliada a cuidadosa técnica de observação científica, permitiram-lhe que transformasse o seu quinto capítulo, "Man comes naked into this world", em uma estimulante descrição da vida Tapirapé, na qual focaliza aspectos culturais que costumam passar despercebidos em outras monografias. O que é pelo menos uma confirmação de seus méritos de observador e analista e da facilidade que tem para encontrar uma forma empática de relacionamento com os seus informantes.

O livro está dividido em 8 capítulos, sendo que o primeiro narra as aventuras do antropólogo para encontrar os seus infomantes e ganhar a sua confiança. No segundo capítulo, "Decimation & Survival", o Autor preocupa-se com a história do contato dos Tapirapé com os brancos e as suas dolorosas conseqüências que conseguiram reduzir a tribo a menos de 40 indivíduos. É quando conclui que

> a triste história dos Tapirapé repete-se muitas vezes no Brasil, a quase cada período de sua história depois de 1500. Para muitas tribos, a história terminou com a completa extinção física. Outras foram reduzidas a um mero punhado de pessoas vivendo como marginais nas fronteiras da sociedade. Roque de Barros Laraia e Roberto da Matta, em seu livro, *Índios e Castanheiros* (1967), contam a história da depopulação e desorganização dos Gaviões e Asurini, que vivem apenas a algumas centenas de quilômetros ao norte dos Tapirapé. Roberto Cardoso de Oliveira, em *O Índio e o Mundo dos Brancos* (1964), analisou um processo semelhante entre os Tukuna, no Estado do Amazonas. E Darcy Ribeiro, em vários artigos e livros, tem apresentado o processo do ponto de vista demográfico, sociológico, histórico e psiclógico. A história dos Tapirapé não é a única, exceto talvez pelo fato de que eles estão entre as poucas tribos que sobreviveram.

O capítulo 3, "Subsistence & Ecology", descreve como os Tapirapé conseguem extrair da natureza os recursos que permitem a sobrevivência do grupo e as dificuldades que passaram a enfrentar, decorrentes das mudanças que foram forçados a aceitar. O capítulo 4, "Social Organization", destaca-se principalmente pela análise que faz das associações masculinas Tapirapé. A sua descrição das "Bird Societies" tornou bastante compreensíveis os mecanismos de

solidariedade, extra-parentais, que regulam o comportamento e a cooperação entre os homens. Quanto às regras que regulam o parentesco, apresentaremos, mais abaixo algumas considerações. O quinto capítulo refere-se aos costumes ligados aos ciclos vitais e ao comportamento quotidiano que distingue a sociedade Tapirapé das demais sociedades humanas. "Os Tapirapé vêm nus para o mundo, exatamente como nós, mas eles continuam nus toda a vida". A partir desta afirmação, o Autor descreve os conceitos estéticos que esses índios têm em relação ao corpo. Mas este é apenas um aspecto de um capítulo rico de informações etnográficas. A vida religiosa dos Tapirapé, suas crenças e seus temores, estão bem descritos em "A spirit for every station", o sexto capítulo do livro.

No sétimo capítulo, "Four Tapirapé Friends", Wagley fala de seus informantes, alguns dos indivíduos com o quais trabalhou mais intensamente e desenvolveu um profundo sentimento de humanidade. Este capítulo é a ampliação de sua contribuição para o livro de Casagrande, *In the Company of Man*, Harper & Row, 1960. Finalmente, deixaremos para o fim da resenha o comentário do último capítulo, o que trata do destino das populações tribais diante da política indigenista brasileira.

Gostaríamos, entretanto, de apontar alguns pontos que não ficam claros em seu trabalho. O primeiro deles refere-se à regra de residência. Embora à página 93 Wagley afirme a existência de família extensa matrilocal, "pelo menos no modelo abstrato na mente de seus informantes", insiste que nem ele, nem Baldus, constataram a ocorrência da mesma no plano real. Parece mesmo duvidar do resultado de sua investigação, pois, na página 98, continua: "Assim, entre 1935 e 1939-40 nem matrilinhagens nem uma verdadeira família extensa matrilocal existiram de fato". Duas considerações podem ser feitas a respeito. A primeira é que tanto Baldus como Wagley podem estar incorrendo numa mesma forma de equívoco que possibilitou a publicação do artigo de Warde Goodenough, "Residence Rules" (tradução brasileira em *Cadernos de Antropologia*, n.º 2, Editora Universidade de Brasília, 1973), que mostra como dois antropólogos (Goodenough e John Fischer) que, em épocas diferentes, trabalharam com um mesmo grupo (Truk) chegaram a duas regras de residência diferentes. Tal equívoco pode ocorrer da dedução da regra a partir da observação simples da composição dos grupos domésticos, ao invés de procurar os padrões ideais de comportamento. No caso Tapirapé, a situação é um pouco diferente, pois ambos os Autores, estão de acordo com o modelo de residência, embora se preocupem com o fato de não ter sido possível observá-lo em operação.

Parece que ambos esquecem que a situação dos Tapirapé já não era tranqüila mesmo nos idos dos 30 e que provavelmente enfrentavam dificuldades para efetivar a sua regra.

A segunda consideração prende-se à referência a matrilinhagem. A simples admissão da possibilidade da matrilocalidade não implica, é óbvio, na existência da regra de descendência matrilineal, mormente quando se trata de um grupo Tupi. O que gostaríamos de saber é em que evidências o Autor se baseia para esta afirmação. Apesar desta nossa objeção, não duvidamos mesmo que ela possa ocorrer entre esses índios, que se caracterizam por uma incrível mistura de padrões culturais encontrados entre outros grupos da mesma região geográfica; mas nenhuma evidência nos é apresentada.

Com efeito, presenciamos entre os Javaé, sub-grupo Karajá da margem oriental da ilha do Bananal, o mesmo ritual em que são utilizadas máscaras que representam espíritos de inimigos mortos pelos participantes ou seus antepassados, o que Wagley descreve à página 107. E assistimos entre os Asurini, grupo Tupi do Tocantins, ao mesmo ritual que o Autor descreve à página 198, ritual cuja finalidade é descobrir novas vocações xamanísticas. Por outro lado, a concepção biológica dos Tapirapé, que implica na crença de que a criança somente é formada através de repetidas cópulas, de forma que todos os homens que eventualmente tiveram relações com a mãe durante a gravidez são considerados genitores (cf. p. 134), assemelha-se muito mais à ideologia dos Timbira do que a dos outros grupos Tupi.

Mas essa fascinante, e ainda desconhecida, história que levou os Tapirapé a múltiplos processos de aculturação intertribal não pode justificar afirmativas como a da página 174: "A concepção Tapirapé do mundo sobrenatural, e suas relações com este, não eram bem organizadas". O mais plausível é que esta sentença seja o resultado natural da frustração do antropólogo de não poder penetrar profundamente no sistema ideológico, em decorrência de uma falha de comunicação. É sabido que em níveis que são tão abstratos existe a exigência de um perfeito conhecimento da linguagem. Atrevemo-nos a fazer este comentário quando lembramos que o Autor afirmou à p. 97, "sempre sentir-se muito inseguro com referência a uma perfeita compreensão da língua Tapirapé".

Um outro ponto, catado a dedo em um livro de tantos méritos, é o que se refere à regra preferencial de casamento. Apesar de vários trabalhos publicados, até hoje continuamos ignorando com quem devem casar os jovens Tapirapé. Enfim, não se avançou muito desde a antiga afirmação de que casam com mulheres que são cha-

madas de irmãs, mas que são distantes (!). Assim, continuamos achando difícil aceitar a existência de uma terminologia de primos do tipo hawaiano, quando os termos de tios são ora apontados como do tipo de fusão bifurcada, ora como colateral bifurcado. De qualquer forma, a situação não mudou muito desde que Shapiro ("Tapirapé Kinship", in *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi,* N. S., Antropologia, n.º 37, 1968) afirmou que

> o matrimônio é agora regulamentado entre os Tapirapé, como entre outros grupos que possuem terminologia generacional, somente por uma regra negativa: o matrimônio é proibido dentro de certos graus de proximidade genealógica.

A dificuldade encontrada pelos pesquisadores que trabalharam com os Tapirapé continua sendo a de dimensionar os limites da proximidade genealógica dentro dos quais o matrimônio é interditado.

O último capítulo de seu livro, "The tragedy of the Brazilian Indians", demonstra a preocupação do autor com o drama das sociedades tribais brasileiras, no qual os Tapirapé desempenham um dos mais trágicos papéis. Suas terras foram gradativamente expoliadas por grandes empresas agrárias e o missionário que ousou defendê-los foi expulso do país como subversivo. O drama dos Tapirapé não chegou ao seu epílogo graças à perseverança das Irmãzinhas de Jesus que conseguiram, com habilidade e bom senso, afastar o fantasma da apatia e provocar um maravilhoso processo de recuperação populacional. A técnica utilizada por essas missionárias para eliminar o infanticídio, um procedimento tradicional de controle populacional que se tinha tornado canônico, diante da intensa depopulação decorrente do contato, foi analisada anteriormente por Roberto Cardoso de Oliveira em "A Situação Atual dos Tapirapé" (*Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi,* N. S., Antropologia, n.º 3, 1959). As informações atuais sobre o estado demográfico dos Tapirapé são bastante animadoras.

Concordamos com Wagley, em sua conclusão de que o futuro das populações indígenas depende de decisões políticas que estão acima dos esforços dos antropólogos, dos funcionários do órgão protecionista ou dos sertanistas idealistas. Mas talvez sirva de consolo para o Autor saber que, neste processo, os seus amigos Tapirapé não estão tão distanciados do conhecimento da enormidade do processo que enfrentam como afirmou à página 24 — conforme demonstra o depoimento de Txuãeri numa das recentes Assembléias Indígenas: "Não temos terra. Temos casa, roça, mas estão tirando a nossa terra. A terra não está marcada".